4ª EDIÇÃO | JULHO `24

FADISTA

www.fadocale.pt

Aldina Duarte
Fado e Cinema

Luísa Amaro
Guitarra Portuguesa

CASA DE FADOS
FAMA D´ALFAMA

FUNDÃO
ENCONTROS DE CINEMA
FESTIVAL AMÁLIA RODRIGUES

FACALE DO

JORNAL DO FUNDÃO

Esta revista é pr... integrante da edição de 11 de Julho de 2024 do Jornal do Fundão e não pode ser vendida separadamente.

FOTOGRAFIA : ISABEL PINTO

fundão
365 dias à descoberta

cale & SangriAgosto®

FESTIVAL DE RUA DO FUNDÃO

01 A 06 AGOSTO 2024

MÚSICA | GASTRONOMIA | ARTES VISUAIS | ANIMAÇÃO DE RUA | MOSTRA DE PRODUTOS REGIONAIS | COMÉRCIO ABERTO | ARTES DE RUA

CÂMARA MUNICIPAL

Freguesia Fundão (união)

ACICF
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL CONCELHIO DO FUNDÃO

METADE-METADE

por Capicua

Metade de mim era vontade, metade era hesitação. Aceitei com uma condição. Escreveria o disco da Aldina Duarte se ela me ensinasse os segredos dos poemas do fado, se me desse lições sobre as suas regras e estruturas. (O fado é um templo, a Aldina é a guardiã. Como poderia eu adentrá-lo sem que ela me guiasse?) O inverno pode ser longo no Porto e eu estava em pousio. Achei o momento perfeito e começámos o ano menos sós. Em verbo e em verso: aprender, ensinar, escrever, partilhar, construir, letra a letra como quem aprende palavras novas. Metade de mim era espanto, metade responsabilidade. Quadras, quintilhas, sextilhas e as suas variações, diferentes repetições, alexandrinos, versículos, decassílabos. Contar sílabas, acertar as tónicas, respeitar a métrica. A mestra, exigente e rigorosa, teve sempre o condão da escuta sensível e do elogio motivador. Aprendiza, fui evoluindo no ofício, tentando que o respeito pelo cânone não beliscasse a naturalidade das frases, a emoção dos versos, o entusiasmo na missão. Quis imprimir nas letras o ar do tempo, fazer jus à geografia emocional que partilhamos (as árvores, a praia, a palavra, a força, a luta), sendo doce e combativa como ela, sendo franca e absoluta como fado, servindo ambos, mantendo-me fiel a mim própria. (A metade da dádiva é o ganho e, nesse inverno, aqueles poemas salvaram-me muitas vezes). O disco saiu em março. Metade canto, metade dedos nas cordas. Em cada tema, dueto e diálogo, díade e dança. Dois corpos que se encaixam e enfrentam, ora serena, ora impetuosamente, como as ondas. Ao ouvi-lo, fiquei imóvel, impactada pela interpretação, sorvendo cada verso como quem se reconhece, arrebatada pela coragem da Aldina, pela forma como se expõe desabridamente ao entregar-se ao poema e como consegue ser total, mesmo quando se contém. Metade som, metade silêncio. Harpa, piano, viola, guitarra. Metade poema, metade música, com a Aldina sempre de peito aberto como escultura de proa. Metade de mim é orgulho, metade humildade. Fazer parte deste disco e, com ele, do corpo de trabalho desta fadista singular, criteriosa e de grande honestidade artística, é uma bênção, mas engrandece a deferência, por ter agora mais consciência da sacralidade do fado e da pequenez do meu contributo, diante da dimensão da sua árvore genealógica e da magnitude do seu repertório ancestral. Como no poema do tema "Aprendiza", fiquei ainda mais certa que "é do velho que nasce o novo" e que é como um elo na corrente da memória, que este disco se acrescenta. Num tempo em que mais de metade é mercado, fazer poesia é metade ingenuidade, metade guerrilha. Fazer arte é metade loucura, metade compromisso. Fazer música é metade teimosia, metade necessidade vital. Ora é nesse limbo que vivemos, ambas, por inteiro. E num mundo em que é há tanta gente, mas é tão difícil sentirmo-nos acompanhados, poder partilhar metade-metade é uma sorte.

FICHA TÉCNICA

Edição: Fado Cale e Jornal do Fundão
Diretor Jornal do Fundão: Nuno Francisco
Coordenação: Leonel Barata e Diogo Pinto
Design e paginação: Francisca Aranda e Diogo Pinto | Editor: Rui Pelejão
Textos e Revisão: Capicua, Maria João Madeira, Aldina Duarte, Tiago Correia, João Cardim, João Carlos Oliveira, Rui Pelejão, Leonel Barata e Teresa Fonseca
Tiragem: 8000 exemplares | Impressão: Grafisol | Encarte comercial com Jornal do Fundão
Contactos: Jornal do Fundão | Rua dos Restauradores, L. 14, Loja 1 r/c, 6230-496 Fundão
Telefone: 275 779 350 | Email: redaccao@jornaldofundao.pt
www.jornaldofundao.pt

ÍNDICE

Entrevista Aldina Duarte 04
Documentário Princesa Prometida 10
Cinema A Palavra 13
Fama d'Alfama 14
Ass. Portuguesa Amigos do Fado 16
Entrevista Luísa Amaro 18
Encontros de Cinema do Fundão 22
Festival Amália 23

Encontro com Aldina Duarte
Palavras, trá-las o vento.

por Maria João Madeira

Estávamos em Maio de 2024, o ano dos cinquenta anos do 25 de Abril de 1974, o ano em que Aldina Duarte editou o nono disco de fado, continuando as suas variações sobre as melodias do fado tradicional, desta feita numa correspondência trocada com outra artista, vinda do rap e do Porto: inteiramente escrito por Capicua, num processo de oficina guiado por Aldina, Metade-Metade é um álbum nascido da música e da palavra. A entrevista não foi canónica, resultou dos pressupostos, o tratamento é na primeira pessoa: para publicação no Jornal do Fundão/Revista Fadista, uma fadista / letrista é entrevistada por uma programadora de cinema, duas amigas em modo de entrevista, em Lisboa, a propósito do Fundão onde, em Agosto, Aldina dá um concerto e participa nos Encontros de Cinema do Fundão.

É uma das convidadas especiais para um dueto entre um filme construído à sua volta e um filme da sua escolha. O primeiro é Aldina Duarte: Princesa Prometida, de Manuel Mozos (2009), o segundo Ordet / A Palavra, de Carl Th. Dreyer (1955). A entrevista aconteceu na Cinemateca, numa tarde soalheira de Esplanada, apinhada do burburinho de copos e vozes, uma apresentação na livraria Linha de Sombra. A ideia era ouvi-la falar de cinema. De como se foi cruzando com o cinema por acasos, afinidades cultivadas ou encontros de espectadora. E que a conversa andasse à volta de três vocábulos: cinema, palavra, liberdade.

"Eu sou a Aldina Duarte e vou fazer uma entrevista para o Jornal do Fundão/Revista Fadista com a Maria João Madeira. É um privilégio ser convidada e, ainda por cima, ganho o facto de ter de me preparar, como se embarcasse numa viagem muito bonita. Queria começar por dizer que são convites sempre marcantes porque me levam a querer estar à altura, manifestando a gratidão que tenho por iniciativas cada vez mais raras, como a destes Encontros."

Aldina trocou as voltas e a conversa fluiu entre exclamações. Foi tomada pelo mistério da vida, a gravidade da arte, singularidades e Jorge Silva Melo (1948-2022), a experiência de cantar palavras. Questões de temperatura. O que se segue é fiel ao espírito. Houve montagem, como no cinema.

Mistérios da fé e da arte

A Palavra, o filme que escolhi para os Encontros, é um filme de tal maneira misterioso, para mim, que me levou a querer saber tudo do autor. Raramente me acontece. Há ali uma sensibilidade... eu nunca vi ninguém, nenhuma obra, colocar ao mesmo nível o lado humano e o divino que há em cada um de nós.

Na Palavra ou nesse e outros Dreyer?

No Dreyer. Isto é dele. Ainda que A Palavra possa ser o culminar de uma vida, de um percurso, até de uma sabedoria. Revi o filme este fim-de-semana, em casa. É revoltante saber que este homem esteve sem poder filmar durante muito tempo. Teve uma depressão muito grave...

Foto: Isabel Pinto

Esteve um lapso considerável de tempo sem filmar.

Era perceptível que aquele homem, que tinha feito o Vampiro [Vampyr, 1932], por exemplo, era um génio. Enfim, talvez seja preciso não ser contemporâneo para o perceber. A história da Palavra é linda: o Dreyer viu a peça de teatro [Ordet, de Kaj Munk, 1932] e isso fê-lo sair do deserto, do vazio em que estava, sem filmar. Sentiu que o seu caminho como artista passava pela vontade de fazer um filme com aquela história. E esperou vários anos.

Assistiu à peça em 1932 e o filme é de 1955. É o penúltimo título da obra de Dreyer, que conta ainda com Gertrud, de 1964, uma última obra-prima. Entre o Vampiro e A Palavra, realizou Dia de Cólera [Vredens Dag, 1943]. O Manoel de Oliveira esperou mais do que vinte e poucos anos para filmar o Angélica, por exemplo.

Parece-me injusto, doloroso, penoso, revoltante, mas é lindo. Esperar vinte anos para fazer uma obra-prima. Assim sendo, não é muito. Se tem feito aquele filme noutra altura não era

aquele filme. Está tudo certo, ainda que o preço seja muito alto.

O João Bénard da Costa escreveu-o: «se podemos e devemos chorar a estupidez e a mesquinhez de todos os que o impediram de trabalhar, não podemos nem devemos chorar que Ordet não tenha sido filmado pelo Dreyer revoltado de 1932, mas pelo Dreyer pacificado de 1955, aos 66 anos de idade. Porque, para este filme [...] era necessária a 'grande idade' e era necessária a maravilhosa sabedoria e a maravilhosa sageza que esta obra, luminosamente, refletem. Ordet é um mistério tal que me recuso a acreditar que pudesse ter acontecido antes ou depois.»

Percebe-se muito bem nos artistas. As chamadas "obras-primas" só podiam ter sido feitas num determinado momento, numas determinadas circunstâncias.

Numa confluência de acertos. Quando foste desafiada a escolher um filme, respondeste na volta do correio, foste muito rápida.

A Palavra foi um marco. Foi o primeiro amor no cinema, aliás tive dois primeiros amores no cinema, A Palavra e O Lírio Quebrado [Broken Blossoms, D.W. Griffith, 1919], um filme mudo, só hesitei uns minutos entre os dois. Até fiz um fado com esse nome, Lírio Quebrado [do primeiro álbum Apenas o Amor, 2004]. Escrevi-o, canto-o, nunca deixei de o cantar porque me leva mais longe como intérprete. Os filmes mudos comovem-me sobremaneira, mais às vezes do que os sonoros. Tenho uma comoção num filme mudo... é como quando se chora sozinho.

O que quer dizer que choras a ver filmes.

Choro muito a ver filmes, mais até do que a ouvir música. Eu não sou de choro fácil, mas onde mais choro é em documentários com temas relacionados com o que é para mim a injustiça, e em filmes que acho extremamente belos. É a excelência que me comove no cinema. É a excelência que me comove em qualquer obra de arte. Entram sempre pela mesma porta. Ver A Palavra, para mim, é como ver O Naufrágio do Turner, é como ouvir a Amália cantar Com que Voz. É como ouvir – e agora vou dizer uma heresia –, é como ouvir o Camané cantar o Abandono, porque prefiro a versão do Abandono do Camané à da Amália. Desculpem lá, mas prefiro. Quando vejo a Pina Bausch, na dança, a que de modo geral sou menos sensível, talvez por ignorância, aquilo entra pela mesma porta.

No caso do cinema, penso que choro à vontade porque está escuro. Há alguém que está a dar voz àquilo que estás a sentir. E que dá a ver. Há uma coisa que o cinema tem de diferente das outras artes: torna tudo muito real. No sentido do realismo, de nós humanos, está tudo ali à vista.

A luz e as sombras.

Foi o meu primeiro encontro com "este" cinema, com o cinema que para mim está ao nível do [Alfredo] Marceneiro para o fado. O Dreyer é o cinema. O nome do Marceneiro para mim já é um adjectivo, "é Marceneiro". A Amália é um génio, canta fado. É uma fadista, "o" génio do fado. Pois é, mas o que ela canta é o Marceneiro. O Marceneiro é a coisa em si.

Encontras o mesmo no Dreyer deste filme.

Depois de ter visto A Palavra e O Lírio Quebrado a minha relação com o cinema mudou radicalmente. Passou a fazer parte de mim e, mais importante do que isso, eu não voltei a ser a mesma. Tenho esta relação com um pintor, com o Turner. Nunca me hei-de esquecer de dois quadros que vi pela primeira vez, na Gulbenkian, o Naufrágio do Turner, e o [Figura de] Velho do Rembrandt. É parecido com isto, é uma vertigem. Leva-nos para sítios de nós a que nunca fomos. Se há alguma função na arte é, no limite, a de nos transformar.

Dirias que podemos chamar a isso "um milagre"?

Sim. Eu sou de milagres.

A Palavra é um filme em que se fala de milagres do princípio ao fim, e em que se assiste a um milagre. Quem não acredita naquele milagre não fica com o filme.

Não sei. Desde que me lembro de mim, a ideia de Deus é a mais fascinante das ideias. Por não ser uma razão. Cresci com a dimensão do mistério porque tive uma educação cristã, e católica. Depois zanguei-me com o catolicismo e tive uma crise de fé grave, perdi-me de Deus. Até fui, durante um mês, para umas comunidades do Lanza Del Vasto a ver se encontrava Deus. Foi muito triste viver sem fé.

É uma crise que associas a que tempo da tua vida?

Dos catorze aos dezasseis anos. Reencontro-me com a minha fé no momento mais libertino da minha vida, quando estava a querer romper com todas as regras, fossem familiares ou escolares. Estava num momento de grande rebeldia, e um dia senti que estava amparada. Quando volto a encontrar-me com Deus, também a arte me ajudou. Não foi a minha.

Eu não preciso de ter uma religião, já não preciso, deixei de precisar. Mas preciso desse encontro, dessa concepção do divino. E catolicismos à parte, o Cristianismo é das doutrinas mais belas do mundo. Torna-nos melhores pessoas. E podes não ter fé, atenção. Também está no filme, esse confronto permanente entre o Cristo, como eu lhe chamo, aquele Cristo maravilhoso [Johannes], e o irmão que não crê, até ao milagre [Mikkel]. Não sei se fica a crer, não é certo. O que não interessa nada: há pessoas que têm mau coração e têm fé, há pessoas que não têm fé e têm bom coração. Tal como é dito na conversa entre a mulher [Inger] e o pai dos irmãos [Morten].

A questão é que, no filme, a ressurreição acontece porque há uma pessoa que acre- ›

dita. Além do Johannes, há uma pessoa que acredita, é a criança. E é só porque ela acredita, no filme, que aquilo acontece.
É a história do Cristianismo. As crianças são as mais próximas de Deus. Aí está, voltamos às minhas marcas e ao Lírio Quebrado, é outro ponto comum, dois sorrisos. Esses dois sorrisos, por razões opostas, um pela tristeza, outro pelo estado puro: o sorriso mais triste da história da humanidade, o do Lírio Quebrado [Lillian Gish, forçando o movimento dos lábios com os dedos da mão em grande plano]; e o sorriso mais puro, mais desligado de tudo, o sorriso daquela menina na Palavra, que é "o" sorriso [o momento da ressurreição é dado no plano desse sorriso da criança, de mão dada com o tio Johannes, a quem pedira que dissesse à mãe, no caixão, para acordar].

A tua escolha considerou a questão religiosa.
É evidente que, para mim, é um factor muito importante neste filme. A única coisa que em mim foi sempre consciente, desde criança, foi o mistério da fé. Sempre tive essa consciência, mesmo quando tive a tal crise de fé. Eu falava com Deus desde os meus três, quatro anos, via coisas, via anjos, via fadas, todo um universo que ninguém cultivou. Pelo contrário, a minha mãe nem é nada dada a esses mundos. É muito terrena, muito pela ciência. Eu talvez tivesse muita imaginação. Há quem lhe chame imaginação, eu acredito naquilo tudo, acredito naquelas fadas, naqueles anjos, naquelas visões, naquelas coisas que se passavam dentro da cabeça mesmo não existindo. E depois passavam para o corpo, eu sentia. O estado de espírito altera-se... é outra coisa muito bonita no filme, quando a mulher diz, «Hás-de sentir o corpo quente por dentro». É isso, é uma temperatura que se altera.

> *"Nunca me emociono demais nem nunca penso demais com este filme. Ando há uma quantidade de tempo a tentar cantar um fado que me exige isso, o Versículo, é muito difícil. Ainda não consegui chegar ao ponto que só encontro a ver o filme A Palavra. Não consigo esse ponto em nada na vida. Nem a cantar...o filme é de um equilíbrio"*

Encontras na Palavra o mistério da fé.
Eu não existo sem a minha fé. Não há muita nem pouca, ou tens ou não tens. É um estado, faz parte de mim. Este filme consegue dar a ver uma coisa invisível, uma coisa que por mais que aconteça comigo eu não consigo explicar. É indizível, o mistério da fé que eu vivo constantemente. E está tudo ali, não falta nada. Eu lembro-me de ser aquela criança, eu lembro-me de ser aquele maluco, o Cristo louco, eu lembro-me de ser o marido ateu, eu lembro-me de ser aquela mulher que é uma ponte entre todos os mundos, eu lembro-me de ser aquele pai intransigente. E é um filme em que nada distrai do essencial, nada é mais importante do que nada – os diálogos são lindos, mas nunca superam a imagem, os actores são incríveis, mas não ficamos atentos à representação, ficamos com aquelas pessoas. Não me lembro quanto dura o filme.

Duas horas e pouco.
Estamos sempre lá dentro. Estão a vir-me imagens à cabeça: aquele estendal, aquela roupa sempre ali com o vento...

Concordas que o vento é uma das "imagens" mais fortes do filme?
É. E eu que adoro o vento. A Manuela de Freitas escreveu um fado que é a minha biografia que se chama Apenas o Vento [do álbum Contos de Fados, 2011]. Eu adoro o vento, e adoro estendais. Como é que alguém me dá a ver o vento...?

Há um filme mudo que se chama O Vento, do Victor Sjöström, com a Lillian Gish [The Wind, 1928]. Em que o vento se sente e se ouve.
Que maravilha. Tudo é essencial na Palavra. Além disso, não percebo nada de técnica de cinema, mas percebo que, na Palavra, há longos planos-sequência como nunca vi. Talvez a duração implique uma organicidade diferente nos actores, na cena. Chega a assustar. Quando o vi na Cinemateca esqueci-me de que estava a ver um filme. Também era o espanto, eu nunca tinha visto "este" cinema.

São encontros.
Nunca me emociono demais nem nunca penso demais com este filme. Ando há uma quantidade de tempo a tentar cantar um fado que me exige isso, o Versículo, é muito difícil. Ainda não consegui chegar ao ponto que só encontro a ver o filme A Palavra. Não consigo esse ponto em nada na vida. Nem a cantar... o filme é de um equilíbrio... a questão é que ele é um sábio naquilo que faz, mas a técnica não é um fim, é um meio. É muito claro no Dreyer, por isso é que tem uma dimensão tão humana.

Há, aliás, um lado muito carnal no filme.
A primeira arte com a qual senti este impacto foi com a música. Depois a literatura, e depois as artes plásticas. Aos dezasseis anos, numa visita de escola, vejo A Castro, no Teatro da Comuna. Meu Deus!

Nesse sentido, o cinema foi a arte de entrada mais tardia na tua vida. Lembras-te do primeiro filme que viste numa sala de cinema? Qual é a primeira experiência de que te lembras?
Na pré-adolescência, volta e meia, íamos ao "cinema piolho" que ficava no Poço do Bispo, mais tarde ao do Beato. Ia com a escola. Lembro-me do ambiente, isso é que me marcava. Adorava. Ainda hoje, o momento em que a luz se apaga...

Gostas do ritual.
Para mim o filme começa aí. Gosto de ouvir a música do genérico, ainda hoje gosto disso. E tenho muita pena que o leão tenha desaparecido, adorava o leão [a rugir, nas pontas de película das produções MGM]. Lembro-me dos Malucos no Supermercado [Le Gran Bazar, Claude Zidi, 1973], pelos dez, onze anos. Ríamos a bandeiras despregadas. O cinema era uma alegria. Também nesses grupos da escola, fui ver os Village People [Can't Stop the Music, Nancy Walker, 1980] no cinema Ávila. O Nove Semanas e Meia [9 ½ Weeks, Adrian Lyn, 1986] no Império, nunca tinha estado numa sala de cinema tão grande. Lembro-me do Indiana Jones [Raiders of the Lost Ark / Os Salteadores da Arca Perdida, Steven Spielberg, 1981] no São Jorge. Lembro-me, no Quarteto, e aí por más razões, porque ia vomitando, dos 120 Dias de Sodoma [Salò o le 120 giornate di Sodoma, Pier Paolo Pasolini, 1975]. Vi, também no

Quarteto, O Império dos Sentidos [Ai no korîda, Nagisa Oshima, 1976]. E vi o Querelle [Querelle – Um Pacto com o Diabo, R.W. Fassbinder, 1982], mas esse aguentei, apesar de ser duro que se farta. No Quarteto, lembro-me de muitos filmes: o Rumble Fish [Juventude Inquieta, Francis Ford Coppola, 1983], o Era Uma Vez na América [Once Upon a Time in America, Sergio Leone, 1984].

Mas ir ao cinema era "uma aventura". Nada de parecido com o que foi para mim a experiência da descoberta da Gulbenkian, com a [Escola Artística] António Arroio. Passava lá a vida, aquilo era o mundo onde eu queria viver. Tive sorte, acharam-me graça, deixaram-me ir para as catacumbas. Passei muitos anos na Gulbenkian, via as exposições todas, via o Jazz em Agosto. Sou um pouco assim. Quando mais tarde fui para os fados, era só fados, fados, durante anos a fio. Quando vim para a Cinemateca [trabalhar como secretária de Direcção entre 1997 e 2000] comecei a fase da História do Cinema.

Qual foi o último filme, visto em sala, que te impressionou?

O Folhas Caídas, do Aki Kaurismäki [Kuolleet lehdet, 2023], no cinema Ideal. Fiquei doida com esse filme. Vi duas vezes e só não foram mais porque na altura não tive disponibilidade. Ai, e vi o Agosto do Jorge Silva Melo [1988], aqui na Cinemateca, há umas semanas.

Foto: Isabel Pinto

Foi a primeira projecção da nova cópia digital do filme, no final de Abril, quando lançámos o catálogo dedicado ao cinema do Jorge Silva Melo. Não foi a primeira vez que viste o Agosto. Mas foi na Cinemateca, em 2022, que viste a sua primeira longa-metragem, de 1980, Passagem ou a Meio Caminho, um filme que lida com a ideia da revolução falhada, com a ressaca da revolução, como o próprio dizia.

É a grande ressaca da revolução. Como em todas as grandes ressacas, as memórias boas ainda estão muito vivas. Ainda se sente a chispa revolucionária, ao contrário do que se passa no Ninguém Duas Vezes [1984] em que já está tudo desacreditado, morto, resignado. O desamor é o chão daquela gente.

A propósito da revolução. Noutras ocasiões falaste do "carácter revolucionária do fado" e cito: «a vida dos vencidos e das pessoas pobres, que não tinham voz, estão todas no repertório fadista. Talvez seja mais revolucionário do que todas as outras músicas e expressões artísticas antes do 25 de Abril.» Esta ideia é ela própria revolucionária, se pensarmos como o fado foi associado ao imaginário da ditadura.

Farto-me de batalhar nesse ponto. Já temos distância suficiente da ditadura, e tempo suficiente desde então, para perceber que aquele repertório existiu para dar voz às pessoas que não tinham voz. Ora isso é absolutamente revolucionário. Repara: um repertório artístico da dimensão que tem o fado, reconhecido como Património Imaterial da Humanidade [desde 2011, pela UNESCO], com uma história riquíssima, uma manifestação artística musical, e até poética, na qual os protagonistas são o povo e as emoções comuns a toda a gente, independentemente das classes sociais e dos credos, etc., porque o fado tem esse lado igualmente sagrado e profano.

O que define o fascismo é haver pessoas "de primeira" e pessoas "de segunda". O que é fascizante é apagar as pessoas. Os pobres sempre foram pessoas apagadas, [na época] eram pessoas que existiam para servir os outros, os afortunados, e o fado tem um repertório cujos protagonistas são essas pessoas que não tinham voz. Agora, visto à distância, acho bastante revolucionário. Mas percebo que, logo a seguir ao 25 de Abril, não fosse possível.

Tens essa interpretação?

É a minha. Não a fui buscar a lado nenhum. É preciso ter em conta que o fado, e o nacional-cançonetismo, eram os únicos estilos musicais não perseguidos, raramente acontecia serem sujeitos a censura. Salvo algumas excepções. Sempre que alguém inovava alguma coisa, fosse em que área fosse, também acontecia. Por exemplo, no nacional-cançonetismo, a Simone: «Quem faz um filho fá-lo por gosto?» Uma mulher dizer isto, antes do 25 de Abril? É uma afirmação absolutamente revolucionária. E no entanto, acreditou-se que aquilo era nacional-cançonetismo aprovado de caras pelo fascismo. Não é bem assim. [Desfolhada Portuguesa, a canção com letra de Ary dos Santos, interpretada por Simone de Oliveira, passou na censura, ganhou o Festival RTP da

Canção em 1969, e alimentou enorme escândalo na sociedade portuguesa da época.]
O fado era igual, estava para ali num gueto, nas casas de fado. As fadistas eram as mulheres da noite, vistas, portanto, como mulheres perdidas, ninguém as olhava como grandes artistas. À excepção da Sra. Dona Amália, e como a Amália foi a bandeira do regime... há gente que acha que a dada altura, com o poder que tinha, devia ter sido mais revolucionária. Não sei. Acho mais revolucionário hoje termos o património que ela nos deixou. Mas é evidente que esta leitura tem que ver com a distância, logo a seguir à revolução também eu rejeitava tudo o que tivesse sido bem acolhido pela ditadura. Por isso é que se chama revolução. Foi preciso uma revolução, é indiscutível. Primeiro as pessoas, é evidente. Além disso, o fado tem uma história muito antiga, um repertório ligado à casa portuguesa, todos contentinhos e pobres para branquear uma ditadura e a vida desgraçada que as pessoas tinham, também existe, é verdade. Com os anos que passaram, com toda a investigação que foi feita sobre esse repertório e com o meu olhar, que veio de fora, eu não cresci nos fados...

Mas dedicaste-te muito.
Dediquei-me muito, até porque nunca vi uma posição assumidamente politizada do outro lado. E já que eu estava do outro lado, e esse lado chama-se esquerda, quis perceber. Vi que, afinal, é esta a arte da classe social de onde eu venho. Quis perceber o que é que nos une e o que é que nos pertence. O que nos pertence é isto, era cantado pelo povo, a maior parte dos fadistas é de origem popular e pobre. À parte uma fatia mais pequena de aristocratas e mesmo esses... os aristocratas que frequentavam os fados eram um pouco as ovelhas negras da aristocracia, por assim dizer. O fado é uma arte que acolheu sempre as pessoas que foram marginalizadas. Por exemplo, boa parte dos poetas que criaram os fados mais importantes, até da própria Amália, eram homossexuais, e toda a gente nos fados lidava com a homossexualidade de uma maneira muito natural. O fado era um mundo à parte, que não incomodava muito os fascistas e que até dava jeito porque tratava dos pobrezinhos que não levantavam lebres e não eram perigosos a nível político. Olhando para trás, orgulha-me muito enquanto fadista. Quem é que ia falar de uma mulher que sofreu, que foi excomungada só porque se apaixonou e, ao que tudo indica, teve sexo com o homem por quem se apaixonou e que depois a abandonou? Quem é que canta essa mulher? No fado canta-se. Quem é que canta as festas do povo e quem é que canta a rua? Não se canta em lado nenhum a não ser no fado. Para mim a revolução passa por dar voz a quem não tem voz. Sempre, sempre. Das ligações e da substância, da matéria.

Tu foste muito próxima do Jorge Silva Melo.
Tive essa proximidade por causa do trabalho nos fados: foi ele que coreografou, que criou as condições, me preparou e me ensaiou para eu levar o meu fado para cima de um palco sem desvirtuá-lo. Aí tivemos muita proximidade. Antes, foi ele quem me mandou ir pela primeira vez aos fados, fazer uma pré-entrevista à Beatriz da Conceição, ao Fernando Maurício e à Celeste Rodrigues para a preparação de um documentário. Escusado será dizer que não passei da Beatriz da Conceição. Fiquei esmagada, trespassada. Tenho, com ele, essa ligação. É uma ligação da alma.

Foto: Isabel Pinto

Talvez até recentemente não tenhas pensado nele como um realizador, como uma pessoa que faz cinema, embora tenha sido para ti uma referência de cinefilia.
Foi ele quem me trouxe pela primeira vez à Cinemateca, ver o La Violetera com a Sarita Montiel [A Rapariga das Violetas, Luis César Amadori, 1958], que estava na sessão, ao lado do João Bénard da Costa [em Março de 1992]. Acho o La Violetera lindíssimo porque o vi com o Jorge Silva Melo, deslumbrado com aquela mulher. Pessoas como ele só existem nos livros. É um artista raríssimo, com um talento enorme, e de uma inteligência igualmente genial. Tem a inteligência, a cultura, a erudição em todos os domínios, dos mais imprevisíveis aos mais prováveis, sabe tanto de música popular como sabe de música erudita. É muito invulgar encontrar numa só pessoa o artista e o pensador, o intelectual daquela dimensão.
O Jorge Silva Melo sempre foi, para mim, uma antecâmara das coisas que me iam acontecer: eu vou para os fados porque ele me manda para lá, eu vou para este cinema – e o Dreyer marca-me para toda a vida – também porque ele me traz à Cinemateca. Estar com o Jorge é estar sempre numa antecâmara de qualquer para qualquer coisa muito boa. Mas é da alma. É da alma. O Jorge só sabia admirar, amar era difícil. Amava as obras, amava os artistas...

Ele fala disso no filme que o Manuel Mozos fez contigo. Em 2009, diz que um auto-retrato seu seria um retrato de costas, seria pôr as pessoas a ver o que ele via. E chega a formular que aquilo que admira em ti, como admirava na Beatriz da Conceição, é a capacidade de abandono, que não tinha. Sobre a sua incapacidade de abandono, como sobre não saber dançar, falou

muitas vezes, num lamento.
O Jorge sabia que a melhor maneira de me ensinar qualquer coisa era pela via emocional. Parecia-lhe que quando eu racionalizava, pondo de lado a emoção, não era bem eu. Afastava-me do melhor de mim. E ao contrário dele. Eu era sempre o contrário dele. Onde ele dizia que éramos parecidos era em não dependermos da autoestima para levar o trabalho para a frente. Não precisávamos disso para viver, para fazer o que é preciso. Era a frase dele.

Num dos textos que escreveu para ti, ou a teu propósito, diz que mesmo quando cantas palavras melancólicas ou angustiadas lhes dás «uma voltinha de coragem». Volto ao momento da tua escolha da Palavra do Dreyer: ias lançar o teu nono disco, com a Capicua, Metade-Metade, em que andas às voltas com a musicalidade da palavra. Digamos que é uma coisa em que tens andado a pensar. Por redutora que seja esta minha interpretação, a tua escolha fez sentido também nesta perspectiva.
A palavra é a coisa mais abstracta do mundo e mais bela, mais humana, atira-nos para o nível da compreensão, até para sentir. É um dos primeiros grandes sinais da inteligência humana, acompanhada da sua sensibilidade. Distingue-nos logo. E ainda que eu ache que não se pode racionalizar a arte, diria que se não fôssemos possuidores da capacidade de usar a palavra, de sentir a palavra, de criar a partir da palavra, de inventar a palavra, não havia arte. Havia expressões artísticas, como a música, para a qual basta ter um corpo, uma batida [bate com a mão na perna] e tens um ritmo, um som que se torna musical. Quando se diz «no princípio era o verbo», eu não sei se não era o som. Mas não chegaríamos a esta complexidade, a esta noção de mistério sobre a vida e sobre tudo que nos distingue das outras espécies. O que é a palavra? O que é o alfabeto? É para mim uma coisa misteriosíssima, são umas formas desenhadas com tinta num papel e não é isso. O facto de a linguagem humana ser a palavra define-nos, a nós humanos.

Cantar a palavra?
Eu sou muito sensível ao som e ao silêncio, mas não me vejo a cantar melodias só pelo som. É a palavra que me leva a esta coisa de cantar, que para mim também é uma coisa sempre muito misteriosa. Ando a cantar fados há trinta anos, há vinte e há dez e estão sempre todos por fazer. A sensação que dá é que vivem comigo, estão arrumados num sítio de onde saem quando os canto. Vão-se transformando, reconstruindo, melhorando, às vezes piorando. Já tive de parar de cantar fados por achar que estou a cantá-los pior. Do ponto de vista da poesia, A Palavra tem coisas que são muito parecidos com o que eu sinto que gostava de cantar. Como intérprete, estou numa fase em que gostava, já não de passar a mensagem, contar a história, mas ser a voz da poesia que ouço naquela música, naquelas letras, naqueles poemas. A que eu ouço verdadeiramente. Se eu conseguisse que a minha voz o traduzisse, se eu conseguisse o que o Dreyer consegue dar a ver, se eu conseguisse, a cantar, traduzir algumas dessas coisas que são tão claras para mim: quando o som da palavra se associa ao significado da palavra torna-se poesia. Não a poesia escrita, a poesia musical. É como se a melodia casasse de tal maneira com a música da palavra que o sentido atravessa esse chão musical permitindo a poesia. O fado é uma melodia, funciona como um chão musical para a música da palavra, e acrescenta-lhe sentido.

[Entrevista no âmbito da colaboração entre os Encontros de Cinema do Fundão, organizados pelo Cineclube Gardunha, e a Associação Fado Cale. Aldina Duarte estará presente na Moagem do Fundão, dias 8 e 9 de Agosto, para um concerto (dia 8, às 21h30) e uma conversa com o público sobre o seu percurso (dia 9, às 15h)]

Continue a ler a entrevista usando este qrcode!

Aldina Duarte
Princesa Prometida |2009

Um retrato é um retrato. O deste filme é de Aldina Duarte por Manuel Mozos, e é difícil conceber que assim não fosse. Mozos filmou Aldina em 1991, na sua primeira longa-metragem, XAVIER. A cantar um fado, A Rua do Capelão, nas ruas da Mouraria. Não é a única história que têm juntos, como se percebe em ALDINA DUARTE – PRINCESA PROMETIDA quando Aldina conta que foi com ele que entrou pela primeira vez numa casa de fados – em rigor em duas casas de fados – numa noite em que procurava Beatriz da Conceição para um trabalho pedido por Jorge Silva Melo. Quando o fado lhe entrou pela vida. Para este filme, de 2009, o mesmo ano de RUÍNAS, retratando-a como fadista, Mozos filmou-a num concerto no Palácio Fronteira, seja porque há coincidências seja porque não há coincidências seja porque acontece que as coisas encaixem quando faz sentido encaixarem.

Não foi um projecto pensado por Mozos, que chegou a ele por Aldina. No contexto da sua obra, de começo singular com UM PASSO, OUTRO PASSO E DEPOIS... e depois XAVIER, onde o lugar da ficção que é também o de ...QUANDO TROVEJA, 4 COPAS, e mesmo o do romanesco e documental RUÍNAS (a contradição é aparente), ou entretanto RAMIRO, não exclui outros passos. ALDINA DUARTE – PRINCESA PROMETIDA surge ao lado de projectos como JOSÉ CARDOSO PIRES – DIÁRIO DE BORDO, rodado em 1997, um retrato do escritor. Poder-se-ia referir CINEMA PORTUGUÊS...? DIÁLOGOS COM JOÃO BÉNARD DA COSTA, de 1996, por onde também passa um retrato, não fosse esse filme estar tão "agarrado" ao cinema, a que Mozos tem também dedicado uma parte significativa dos seus filmes, de LISBOA NO CINEMA a TRISTES ANOS ou à série-montagem de arquivo CENSURA – ALGUNS CORTES. Se começou por ser travado no cinema por empecilhos de produção sérios que quase comprometeram a primeira obra XAVIER, Mozos tem-se pautado por uma prolixidade filmográfica também marcada pelo retrato. Em anos seguintes a PRINCESA PROMETIDA, JOÃO BÉNARD DA COSTA – OUTROS AMARÃO AS COISAS QUE EU AMEI e SOPHIA, NA PRIMEIRA PESSOA alinham na perspectiva, de dimensão mais pessoal e transmissível, o

por Maria João Madeira

primeiro, construído à volta da memória de um mestre próximo, e respondendo a uma encomenda, o segundo, em evocação-tributo a Sophia de Mello Breyner Andresen.

Peculiar ao *filme* de Aldina, um filme *com* Aldina, é ser um retrato a meio caminho, como talvez dissesse Jorge Silva Melo que, na sua vida de cineasta, chamou à primeira longa-metragem a solo, em 1980, PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO anunciando uma ideia que percorreu outras obras suas. Jorge Silva Melo surge em conversa passeante com Aldina neste filme de Mozos – em tempos seu aluno e seu interlocutor de argumentos (lembrem-se XAVIER do primeiro, COITADO DO JORGE do segundo), trocando ideias e palavras, a propósito da vida, passos de dança, almas de artista. Ligado ao começo da vida fadista de Aldina aos vinte e poucos anos, por tê-la feito encontrar-se com Beatriz da Conceição em trabalho de campo para um projecto documental – nunca acontecido, à volta do fado –, Jorge Silva Melo veio a acompanhar os seus primeiros concertos no palco da Culturgest. Era um amigo, falava-lhe de livros (num plano deste filme acena-lhe com um romance de Patricia Highsmith). Também a (d) escreveu fadista num texto orgulhoso da alegria corajosa que lhe sentia no canto:

Não, não há derrota, não, ninguém esmaga, nem o tempo mata. No canto imparável da Aldina, há um entusiasmo que nos empurra, nos abraça, ouvimos-lhe a canção cantando com ela, e conquistamos o xaile, o cravo, a rua, o passeio, o dia livre, conquistamos a vida. Por melancólicas ou angustiadas que sejam as palavras, há um jeito que a Aldina lhes dá, uma voltinha de coragem que as torna sempre entusiasmantes. Não a ouvimos metidos para dentro, no silêncio, não, eu ouça-a de manhã. Porque o seu canto vence a noite, é o dia que ela nos escancara. É um canto à janela, por deserta e soturna que seja a rua por onde andamos. É entusiasmante, sim, entusiasma-me sempre cada uma das palavras, cada verso, cada cantiga, esta Aldina. [Jorge Silva Melo, Outubro de 2013 (O que nunca direi)]

Voltinha de coragem é uma expressão inspirada, Jorge Silva Melo tinha esse dom. Não sendo um filme-só-da-fadista, sem off narrador, mas também sem receio dos depoimentos filmados que por norma atiram este tipo de incursões para o formato televisivo, o retrato de Manuel Mozos quatro anos antes está impregnado de percepção idêntica. A meio caminho, como dizia uns parágrafos acima: ALDINA DUARTE – PRINCESA PROMETIDA é o retrato de uma artista que firma os seus passos, uma mulher na casa dos quarenta anos que, conquistado o espaço no seu domínio de expressão, continuava a desbravar um caminho no fado. Tinha um poiso na Casa de Fados Sr. Vinho, de Maria da Fé, e uma discografia de três álbuns em quatro anos – Apenas o Amor, Crua, Mulheres ao Espelho (2004-2008) – a que, entre 2011 e 2024, somaria Contos de Fados, Romance(s), Quando Se Ama Loucamente, Roubados, Tudo Recomeça, Metade-Metade.

> *Embora possa dizer-se que o filme começa e termina em cena, tem de notar-se que antes e depois desses planos de abertura e fecho de actuação da fadista, está a sua presença descalça, desarmada de espectáculo...*

Do percurso de Aldina Duarte, fala o filme e fala ela, bastando dizer que pela altura deste encontro, que não foi só dos dois, ela assumira por inteiro o fado como trabalho, como modo de (estar na) vida. A ideia foi originalmente de Maria João Seixas que, tendo conhecido Aldina e tendo reconhecido nela a fadista e a personalidade transbordante que ela é, lhe propôs um retrato filmado e propôs a Pedro Borges que arriscasse produzi-lo na então recente Midas Filmes, o que aconteceu. Mozos seguiu a ideia inicial, compondo o filme a partir de uma longa entrevista a Aldina por Maria João Seixas – em off, pedido quase seguido à letra porque a montagem guardou duas perguntas in – e de um concerto concebido para o filme – o do Palácio Fronteira, belíssimo achado.

Com o público disposto em mesas, como numa casa de fados tradicional – o cenário aprimorado pela aristocracia genuína do lugar –, o concerto serve desse outro eixo do filme, que vai brotando a partir daí para dar a ouvir a voz da cidadã, da filha, da amiga, consoante os momentos sejam de entrevista, escuta, conversa. São sete os fados que se ouvem ou de que se ouvem laivos na interpretação ao vivo, e embora possa dizer-se que o filme começa e termina em cena, tem de notar-se que antes e depois desses planos de abertura e fecho de actuação da fadista, está a sua presença descalça, desarmada de espectáculo*. Na Natureza do pedaço de bosque sugerido pelo riacho e as pedras – um plano de água doce – e a da praia atlântica – uma sequência de pura alegria na areia, ondas e espuma da beira-mar. Como se Mozos tivesse querido entremostrar o espírito ladino da retratada, apontamentos da ordem do privado, não da artista no "espaço público". Se bem

que... essa vivacidade pode encontrar-se noutros momentos, entre os quais um de concerto: quando Aldina, em palco, mas como espectadora de outra interpretação, aplaude a leitura de um poema por Maria do Rosário Pedreira "para Aldina Duarte", O Amor Não se Desata (tema do disco Mulheres ao Espelho, 2008). Porque a vemos aplaudir com o riso nos olhos e nas palmas das mãos aceleradas.

Num filme pensado em termos de cumplicidades, há outros cúmplices. As presenças de Maria do Rosário Pedreira e de João Monge, dois poetas que escreveram letras para fados de Aldina, são com certeza isso, mesmo vindos dos contracampos da assistência durante o concerto ou dos planos "de bastidores" pós-concerto, quando Aldina abraça Fernando Lopes, outro dos seus espectadores de espectáculo ao lado de Jorge Silva Melo, Maria João Seixas. Ou Fernando de Mascarenhas, então Marquês da Fronteira, a quem a fadista agradece em palco uma história contada e o contributo para o 25 de Abril de 1974. A mãe Maria de Lurdes Dias e o amigo-mentor Jorge Silva Melo são, no entanto, a par de Aldina, os distintos participantes, filmados em espaços públicos lisboetas e abertos – o Jardim Botânico Tropical de árvores frondosas e impressionantes raízes, o Largo do Carmo da revolução, a rua Anchieta dos alfarrabistas, lugares de Aldina que, no papel de entrevistada, é filmada na sua casa com vista para o rio. Sintra e a Praia da Adraga são os outros espaços, antes de os versos de Capicua celebrarem araucárias e a Adraga no disco escrito para Aldina em troca de uma oficina de fado (Metade-Metade, 2024). O território de ALDINA DUARTE – PRINCESA PROMETIDA é assim o território de Aldina, o que só torna mais consentida a excepção se pensarmos que a excepção é o palco, e que o palco dos fados que Aldina canta neste filme é a palaciana sala das Batalhas Fronteira. *O retrato de Aldina Duarte vai buscar o título a um dos fados escritos por ela mesma, fado esse que não está no filme e que continua a ser o fado de que, a cada concerto, não prescinde.* Aldina é uma fadista-letrista – dimensão que escapa a ALDINA DUARTE – PRINCESA PROMETIDA, o retrato foca sobretudo a biografia e o seu entendimento político na primeira pessoa. Se os seus termos já implicavam a exposição, é justo defender que é por aí que o filme arrisca, num risco que é quase todo de Aldina e que talvez fosse improvável sem Mozos do outro lado. Aldina toma conta do filme, ocupa-o, como se Mozos concordasse à letra com uma coisa que Jorge Silva Melo diz a dada altura contrapondo a sua consciência artística ao abandono artístico de Aldina. Que é preciso dar a ver o que se vê saindo de campo. Mesmo quando os planos são ocupados ou partilhados com outros, o que está em campo em ALDINA DUARTE – PRINCESA PROMETIDA é ela e a sua liberdade.

"Folha" da Cinemateca escrita em 2012 (revista e adaptada para os Encontros de Cinema do Fundão/2024, em parceria com a Associação Fado Cale, onde o filme ALDINA DUARTE – PRINCESA PROMETIDA será exibido, 9 de Agosto, às 15h na Moagem, com as presenças de Aldina Duarte, Manuel Mozos e Maria João Madeira, e a moderação de Leonel Barata. Entrada Livre.)

*Da ficha técnica de ALDINA DUARTE – PRINCESA PROMETIDA (Manuel Mozos a partir de uma ideia original de Maria João Seixas, produção Midas Filmes, Portugal, 2009, vídeo betacam digital, cor, 60 minutos), refiram-se os fados e os músicos que acompanham Aldina Duarte no concerto filmado: MF (letra Aldina Duarte, música Popular), Lírio Quebrado (letra Aldina Duarte, música Alfredo Duarte), A Saudade Anda Descalça (letra João Monge, música Alfredo Duarte), O Anjo Inútil (letra Luís Macedo, música Popular), O Amor Não Se Desata (letra Maria do Rosário Pedreira, música José António Sabrosa), O Cachecol do Fadista (letra João Monge, música Miguel Ramos), O Cachecol do Fadista (letra João Monge, música Miguel Ramos), Ai Meu Amor se Bastasse (letra Manuela de Freitas, música Pedro Rodrigues), Antes de Quê? (letra Manuela de Freitas, música Raul Ferrão), Flor do Cardo (letra João Monge, música Joaquim Campos). O concerto de Aldina Duarte, acompanhada por José Manuel Neto (Guitarra portuguesa), Nuno Miguel Ramos (Viola) e som de Fernando Nunes, foi gravado na Sala das Batalhas do Palácio Fronteira.

A PALAVRA de Dreyer

por Aldina Duarte

O cinema foi uma paixão tardia na minha vida. Por um lado, lamento, por outro lado, agradeço o espanto à beira da inocência depois de adulta. Das poucas vezes que fui ao cinema do Poço do Bispo e do Beato, na pré-adolescência, marcou-me mais a dimensão do ecrã e a escuridão da sala do que propriamente os filmes. Mas, recordo, também, o som das gargalhadas colectivas no filme **OS MALUCOS NO CIRCO**, o impacto da música no genérico e o rugido do leão emoldurado. Mais tarde, no Quarteto senti o poder da imagem em movimento, tendo saído a meio, ou mesmo quase no início, de filmes, como O **IMPÉRIO DOS SENTIDOS** ou **OS 120 DIAS DE SODOMA**, por exemplo. *A relação com a oitava maravilha do mundo sempre foi instável, muitos anos de afastamento, muitas lágrimas e risos.* Até ao dia em que vejo na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, onde trabalhava como secretária da Direcção, dois filmes: **O LÍRIO QUEBRADO** (filme mudo), de D. W. Griffith, e **A PALAVRA**, de C. T. Dreyer. Apesar de ter uma personalidade francamente mais auditiva do que visual, desde muito pequena, daí ser igualmente sensível ao som e ao silêncio, há um traço comum em todas as artes, tal como na vida humana ou outra, o encanto e o mistério da beleza, com a subjectividade que subjaz a sensibilidade de cada um, discussão que longe nos pode levar, muito para além do preconceito. Procuro em tudo e todos, desde sempre, qualquer coisa de beleza a par do mistério. O cinema de Dreyer é a transcendência que nos dá a ver a eternidade em vida, com vida. **A PALAVRA** é o milagre e a ressurreição debaixo dos nossos olhos, tal qual o beijo carnal que nos traz de volta à vida, o amor ao corpo, o amor na alma. Sendo crentes ou ateus, não há como não acreditar em Dreyer.

Aldina Duarte, Maio/2024

[Texto no âmbito da colaboração entre os Encontros de Cinema do Fundão, do Cineclube Gardunha, e a Associação Fado Cale: o filme será exibido, com apresentação de Aldina Duarte, 9 de Agosto, às 17.30, na Moagem. Entrada Livre.]

FAMA D'ALFAMA
RESTAURANTE FADO

Fundado em 2017, por João Cardim, o Restaurante Fama de Alfama deve o seu nome ao poema escrito para um lindíssimo fado tradicional, o Fado Lopes, interpretado em homenagem ao bairro de Alfama e às tradicionais casas de fado que o habitam, no filme "Fados" de Carlos Saura.

O Fama de Alfama percorreu desde 2017 um caminho de investimento na qualidade, optando por ser o mais genuíno e autêntico possível e por apresentar um conceito honesto. A comida servida é elaborada, usando preferencialmente matérias-primas de alta qualidade e nacionais.

O restaurante é amplo estando decorado com apontamentos do início do século XX e Art Deco. Toda a disposição é feita em volta de um palco, que de forma intimista nos envolve com Fado.

A direção artística está nas mãos de Joana Amendoeira, uma muito talentosa fadista consagrada que com critério exigente programa Fado, que por vezes acompanha ou complementa com outros estilos de música. São inúmeros os artistas de excelência que passam por esta casa, que lhe dão alma e a tornam melhor,

Obrigado a eles,

Joana Amendoeira, João Nunes, Nani Medeiros, Soraia Cardoso, Teresinha Landeiro, Pedro Amendoeira, João Filipe, Bernardo Romão, Bernardo Saldanha, Mário Pacheco, João Domingos, Rui Poço, João Pita, Fred Martins, Manuel Vaz da Silva, Carlos Manuel Proença, Sebastião Pereira, Fernando Dalcim, Bernardo Couto, Walter Areia, Tânia Oleiro, Francisco Salvação Barreto, Célia Leiria, Marco Oliveira, Catarina Rosa, Sara Paixão, Manuel Oliveira, Carolina Ribeiro, Jonas, Duarte, Francisco Moreira, Mariana Lopes Correia, Zé Maria, Flávia Pereira, Rodrigo Rebelo de Andrade, Beatriz Felício, Matilde Cid, Gustavo, Mel, Miguel Ramos, Filipa Biscaia, Maria Emília, Geadas, Zé da Câmara, Marisa Gonçalves, entre outros.

O respeito pela música e pelos artistas é um elemento diferenciador da casa.

A música é o que nos move,
é o que nos inspira!

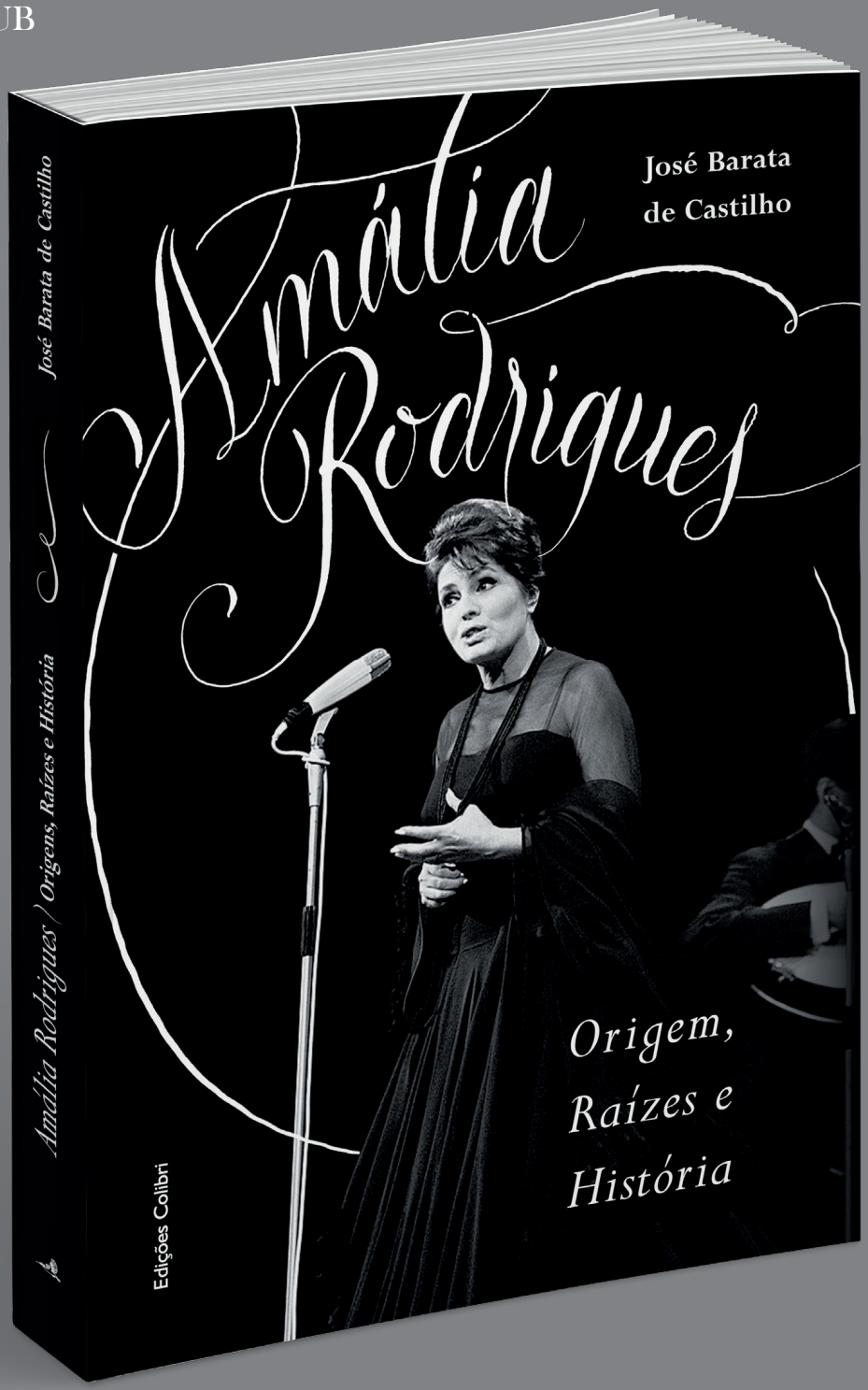
Estamos na
Rua do terreiro do trigo 80, Alfama, Lisboa
Tel.: +351 218 862 609
Para reservas:

por Tiago Correia

A Associação Portuguesa dos Amigos do Fado comemora em 2024, 30 anos. 30 anos de História que se perpetuam no coração de quem dela fez parte, especialmente nos seus fundadores, o Dr. Luís de Castro e a fadista D. Julieta Estrela. O sonho de ambos era ver o Fado, a sua história e as suas gentes tornarem-se objeto de estudo, de análise e de investigação rigorosa, para que o debate público se fizesse em torno da linguagem musical e poética do Fado e dos seus conceitos e práticas que o levam a ter uma identidade de tal forma única, reconhecido e analisado nos dias de hoje em Portugal e em vários cantos do mundo. Mas não era assim, em 1994, porque a Associação é fundada numa época em que ainda vinha sendo dificil debater-se sobre o Fado em Espaço Público, assim que se ultrapassassem as fronteiras do meio Fadista. Dentro do contexto nacional, embora com pequenas portas a abrirem-se com o surgimento de novos artistas, que viriam a fazer reencontrar o público português com o Fado , havia ainda uma névoa em torno desta linguagem musical, fortemente caricaturada desde o final dos anos 70, até início dos anos 90, como saudosista, desgraçada ou música para "velhos", como relatam muitos dos fadistas que nesses anos davam os seus primeiros passos no Fado e eram ridicularizados pela sua geração, por terem esta paixão e quererem cantar. É dentro do espírito de amor ao Fado de Luís de Castro e Julieta Estrela, bem como de todos os Sócios-Fundadores e os que depois vieram, que se dá início ao desafio de investigar, recolher e dinamizar o incrível Espólio que a História do Fado tem, suscitando o interesse de pessoas e instituições de diferentes áreas sociais, a tentar entender melhor a relação do Fado enquanto expressão musical com a própria história do nosso país. E este trabalho e espólio que a APAF conseguiu reunir ao longo dos anos foi não só importante para se conhecer e compreender melhor a importância da história do Fado, bem como serviu, mesmo que não fosse esse o propósito principal, para ajudar a libertar a circunstância histórica que o Fado vivia nas décadas de 80 e 90. Felizmente, o trabalho desta Associação e de outras instituições que ao Fado se dedicam fez o reconhecimento sobre esta expressão musical, ultrapassar não só as fronteiras do meio do Fado, como atrair público a descobrir mais sobre o Fado, além fronteiras, conquistando assim diferentes públicos. 30 anos depois urge a esta nova direcção, eleita em Fevereiro de 2024, dar a continuidade a este trabalho feito com mérito e dignidade. E fazê-lo com o mesmo amor que foi sempre dado a este projeto. Os contextos e as circunstâncias mudaram ao longo de 30 anos. O Fado não é mais visto da forma que era em 1994. O trabalho da APAF foi fundamental para despir preconceitos ou ideologias e permitir que se pensasse o Fado como um ponto de interesse comum a todos, no tanto que a própria história tem para nos oferecer. *E por isso cabe-nos hoje a responsabilidade de continuar a suscitar o interesse das pessoas, a criar caminhos que nos aproximem, e a dar aos sócios e não sócios a capacidade de acesso à história do Fado com o espólio já reunido e com o tanto que se espera reunir.* Como disse em cima, conhecer a história do Fado e as suas características musicais e poéticas, são um passo para saber fazer um retrato sociológico das transformações do nosso país ao longo de pelo menos dois séculos. Ter a lucidez de quem fomos e o que somos, descodificando a história, mas estimulando as atuais gerações, a enriquecerem o futuro desta expressão musical, compreendendo ao fazê-lo qual foi o seu ponto de partida, é um dos objetivos principais desta nova direcção. Importa-nos criar pontes entre gerações. E focar-nos em aproximar ainda mais os fadistas, poetas, músicos e compositores, a debaterem no Espaço Público. Ninguém conta melhor a história do que as próprias personalidades que da história fazem parte.

E a história, somos todos nós, de todas as gerações, unidos em torno do mesmo propósito: o amor ao Fado.

PUB

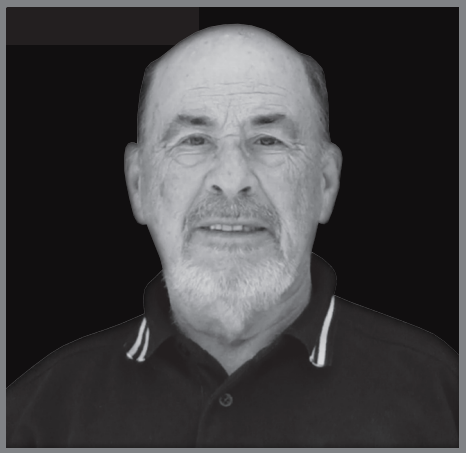


Edições Colibri

Este livro aborda de forma abrangente as origens de Amália Rodrigues, a história da sua família com recurso à Genealogia e uma análise relativa à naturalidade e data de nascimento da famosa Diva do Fado. Trata-se de um trabalho que aprofunda bastante o nosso conhecimento sobre a genial fadista, com muita informação inédita.

José Barata de Castilho

Nasceu em Castelo Branco em 1944. Professor catedrático na Universidade de Lisboa, ISEG, investigador, autor de livros, é pintor e escritor.



João Oliveira entrevista Luísa Amaro

Luísa Amaro, formação superior em guitarra clássica, instrumentista e compositora em guitarra portuguesa, primeira mulher profissional da guitarra portuguesa, referência contemporânea neste instrumento.

A guitarra portuguesa é tradicionalmente um instrumento tocado por homens. A Luísa é a primeira mulher a tornar-se profissional deste instrumento, quer como concertista quer como compositora. Quando iniciou este percurso considera que entrou num mundo de homens e, sendo pioneira, contribuiu para a democratização do uso da guitarra portuguesa e, desta forma, para uma maior igualdade entre homens e mulheres?

Bem...eu sabia que iria ser complicado pois, como diz, a guitarra estava no universo masculino e não foi fácil, não é e não será! Mas, era o que eu pensava e penso, se há mulheres em todos os outros instrumentos, porque é que não havia mulheres no mundo da guitarra de Coimbra? E já havia, por exemplo a Ana Sadio que estudou e formou-se em Medicina em Coimbra, onde estudou guitarra portuguesa com o Dr. Jorge Gomes. E toca maravilhosamente! Viver e tocar foi difícil para ela, mas conseguiu. Eu estava em Lisboa, talvez fosse menos difícil para mim aguentar a pressão. Eu só queria tocar e acreditar que o podia fazer e então fui trabalhando e fui compondo as minhas coisas, descobrindo uma nova linguagem que me fizesse sentido. Foi o que fiz e o que continuo a fazer. Esse meu esforço foi recompensado, pois percebeu-se que tocava e compunha por um bem maior a Musica. Felizmente que hoje já se vêem muitos rapazes a compor e a sair do universo estritamente 'Paredes' e isso é muito bom. Não sei se semeei alguma coragem nas jovens que querem tocar guitarra, mas fico feliz por ver que elas existem e que começam a ser aceites. É um problema cultural, é a tradição e é muito difícil mudar esta tradição, só o trabalho e a competência nos ajudam. A diferença é que normalmente as pessoas tocam enquanto dura o curso (em Coimbra). Seguem e começam a trabalhar com os seus cursos e a guitarra fica mais apagada. Eu não, eu continuo a compor e a tocar, a laborar paulatinamente, custe o que custar. E mais exposta. Há muitas jovens que vêem o meu esforço e isso dá-lhes forças para não desistirem. Se as ajudei de alguma forma fico feliz, já valeu a pena!

Os rapazes vão-se habituando à presença das mulheres. Mas é tudo muito lento, estas mudanças são demoradas em Coimbra. A presença das guitarras nos conservatórios também as tem ajudado.

Hoje há outras mulheres que se dedicam profissionalmente à guitarra portuguesa, quer como instrumentistas, compositoras e até professoras do instrumento e estou certo que a Luísa é a percursora deste caminho da guitarra portuguesa no feminino. Quando se iniciou como instrumentista e até como compositora para guitarra sentiu algum revés por ser mulher? Como é que os homens guitarristas e o público em geral a acolheram?

Em Coimbra foi difícil... são anticorpos de muitos anos. Agora já me recebem melhor, há uma nova geração mais receptiva. O público foi sempre impecável comigo, sempre! E tinha muitas senhoras que me vinham dar uma palavra de apoio, o que foi fundamental para não parar. Tenho ganho muitos amigos, pessoas que compreendem bem esta caminhada solitária. E ouvir jovens raparigas a dizerem que fui importante para elas, comove-me sempre. É sinal que nada foi em vão. Todos têm que perceber que é preciso trabalhar muito, têm de trabalhar muito a técnica, têm de saber música se quiserem ir mais além. Isso é fundamental e a guitarra portuguesa tem grandes desafios. Mas nada disto é de espantar, é o que se passa com todos os instrumentos. Mas ainda há muitos preconceitos, a coragem e a tenacidade de uma mulher ainda não acabou. Felizmente que há cada vez mais jovens raparigas a tocar.

Sabe, ouvi muitas raparigas a queixarem-se ao Carlos Paredes que queriam aprender a tocar guitarra, mas não as ensinavam, pois se quem sabia tocar eram os homens é lógico que assim procedessem, mas o Dr. Jorge Gomes veio mudar tudo quando começou a ensinar as raparigas (em Coimbra). Hoje em dia os conservatórios equilibram as coisas, o Custódio Castelo no

Politécnico (de Castelo Branco) ensina jovens raparigas...o rumo da guitarra vai-se transformando e ainda bem!
Eu fui pioneira em muitas coisas, sim. Foi um percurso duro, mesmo muito, mas ver o que antigamente era impensável ver dá-me um grande orgulho. Porque não é fácil apresentar um repertório todo construído com composições nossas e, no meu caso, sem sequer ter o fado como tábua de salvação. Eu não sei tocar fado de lisboa, só posso recorrer a mim própria e à generosidade de um público que compreendeu o que eu queria fazer.

Assistimos também a um novo fenómeno que é o das mulheres a cantar e gravar fado de coimbra, que não é assim tão novo porque quer a Amália quer a Maria Teresa de Noronha, já cantaram e gravaram, no seu tempo, fado de coimbra. Mas há agora uma nova geração de mulheres intérpretes a entrar neste mundo que, historicamente, foi um mundo de homens e que participam em espectáculos de fado de coimbra conjuntamente com vozes masculinas. Como vê esta evolução? Teremos de passar a afinar as guitarras de coimbra pela tonalidade normal para poder acompanhar as vozes femininas? (A guitarra de coimbra é afinada um tom abaixo da tonalidade normal, dado que as vozes masculinas são mais graves)
Isso já não sei, já é pedir muito! Mas que devem tentar cantar devem. Essa questão da afinação da guitarra é algo que pode complicar, não sei. Só quem acompanha é que sabe o que há-de fazer...mas querer é poder. Contudo quem canta e quem toca tem de se ajustar a algo novo. Algo que está na cabeça das pessoas. A Maria Teresa de Noronha é maravilhosa e tinha um sentido estético muito elevado. Acho que, sobretudo as cantoras, vão ter que perceber e aprender como cantar coimbra e pronto! É um longo caminho de adaptação e nada fácil. Contudo, pessoas como Luís Goes apoiavam as jovens que queriam cantar, disse-mo muitas vezes. Como eu lhe fiz segundas guitarras, algo que nunca esquecerei, pois foi um privilégio. E ele nunca se importou de ter uma mulher a acompanhá-lo em palco. Eu acho que se um trabalho é feito com seriedade, honestidade intelectual e conhecimento, pode ser feito.

Diz-se que a guitarra portuguesa transporta a alma de um povo e o nome de um país e é isso que torna este instrumento tão único e especial. Revê-se nesta afirmação?
Absolutamente! A guitarra portuguesa tem um som muito próprio, seja a de Lisboa mais ligada ao fado, seja a de Coimbra mais ligada à canção de coimbra: carrega uma nostalgia, uma melancolia que nos transporta para as emoções mais profundas, ligadas a uma viagem, mesmo que imaginada, onde navega a nossa saudade, o nosso mar, a profundidade de um povo que tem um mar nos olhos... a guitarra portuguesa é irreverente, não obedece a regras, é um instrumento expressivo que acompanha e traduz na perfeição o que sentimos.

'A guitarra é irreverente, não obedece a regras', parece-me uma boa caracterização do instrumento. Disse também numa entrevista que a guitarra portuguesa é mágica, irracional, caprichosa e rara. Porque adjectiva assim a guitarra?
A guitarra portuguesa é um instrumento que é apenas tocado por nós portugueses. Claro que há japoneses e americanos, por exemplo, que compraram guitarras portuguesas, mas como 'instrumento nacional', com carácter permanente e continuado, só nós o adoptámos musicalmente. E lhe demos um repertório muito próprio, feito para acompanhar a voz e a tradução de sentimentos da nossa alma/coração. Carrega o sentimento de um português, seja pelos 'glissandos', 'trinados' 'suspensões' e 'vibratos' expressivos... há uma nostalgia que a guitarra exprime como nenhum outro instrumento e há uma 'garridice' espontânea, popular, que a guitarra 'canta' e é mágica pelo timbre que as 12 cordas nos 'atiram', pelos harmónicos que ficam a soar no ar, como que a voar.

> *Talvez haja na mulher uma abordagem mais subtil, a força é substituída por detalhes interpretativos.*

Numa conversa que tivemos anteriormente, a Luísa disse-me que 'cada nota tem vida'. Pode ter duas leituras: a forma como o instrumentista pisa a corda e faz vibrar a nota, dá um vida própria à nota, não precisando de toda a melodia para se perceber a peça que se está a tocar, isto é a nota ganha vida própria; pode ter ainda a leitura de ao tocar cada nota o instrumentista faz passar para a vibração dessa nota a sua vida, os seus sentimentos, as suas emoções. Alguma destas leituras é a correta ou há outra explicação?
As duas reflexões estão certas. Na verdade, quando tocamos as nossas mãos estabelecem uma articulação tão natural como quando falamos, isto para melhor compreender; há um timbre próprio nosso que nos distingue dos outros e nos identifica como pessoa individual e única. E há a intenção, a ênfase que damos às nossas palavras, aquilo que queremos que os outros entendam. Com a música passa-se o mesmo, a diferença está no facto das palavras serem compreendidas por todos, enquanto a música ouvida é abstracta, uma sequência de notas, de sons, de timbres. A guitarra portuguesa, através das suas características, ajuda-nos a escolher a melhor forma de nos exprimirmos, talvez as 12 cordas de aço ressoem e se projectem no espaço com uma vibração acutilante e certeira como nenhum outro instrumento. A guitarra portuguesa tem uma 'anarquia' muito própria, permite-se ter a liberdade do seu executante, na utilização de um 'tempo' muito pessoal, sem se ver obrigada à rigidez dos compassos e estrutura musical tão própria dos instrumentos de orquestra. E essa liberdade permite que o executante se exprima como sente. Por exemplo, o Carlos Paredes tocava sempre as suas músicas de forma diferente, não na estrutura das composições, mas na respiração que lhes dava, no balanço que lhes impunha.

E ser instrumentista mulher ou homem fará alguma diferença relativamente à sonoridade que se extrai da guitarra?
Creio que há uma diferença sim. Um homem toca com mais força, por princípio é uma abordagem sonora mais vigorosa, enquanto a mulher percute o instrumento com mais suavidade. Talvez haja na mulher uma abordagem mais subtil, a força é substituída por detalhes interpretativos. A vibração das cordas e do próprio instrumento não são tão poderosos, mas ganham em timbres e fraseado mais delicados. São formas distintas de interpretar e de dar vida à guitarra o que, por si, é muito interessante.

Procura novas abordagens e sonoridades nas músicas para guitarra juntando instrumentos que, à partida, não tem grande afinidade, como é o caso do clarinete baixo. A procura de novas envolvências tímbricas para este instrumento tão car- >

regado de tradição simbólica é o caminho para a evolução da própria musicalidade da guitarra portuguesa?

Eu procuro sempre novas abordagens à guitarra, talvez pelo facto de não estar tão ligada à tradição das duas escolas: Coimbra e Lisboa. A minha influência será sempre Coimbra, mas a busca incansável do 'não óbvio' faz parte da minha maneira de ser, sou rebelde por natureza. A escolha do clarinete baixo surge dessa procura incansável de novas sonoridades. Claro que o clarinete baixo vai ao encontro do que componho, seria muito mais complicado utilizá-lo na tradição coimbrã. Não faria sentido. Sinto que devo respeitar o que está feito, mas no caso das minhas composições o clarinete baixo dá à guitarra a envolvência que eu pretendo, dá-me o baixo contínuo necessário. Creio ter sido a primeira pessoa a estabelecer esta ligação da guitarra portuguesa com o clarinete baixo. Fi-lo em 2009 para o meu CD 'Meditherranivs'. Todas as experiências são válidas, a guitarra portuguesa agradece... e hoje em dia há toda uma geração de guitarristas (homens e mulheres) com novas abordagens à guitarra portuguesa que são surpreendentes e muito interessantes.

A sua discografia para guitarra portuguesa conta com 4 títulos: Canção para Carlos Paredes (2004), Meditherranivs, (2009), Argus (2014), Mar Magalhães (2019). Reparei que edita um CD em nome próprio a cada 5 anos. Na mesma lógica temporal, o próximo é editado este ano 2024?

E ainda fiz um CD com a Dra. Maria Barroso, guitarra e poemas, do 'Novo Cancioneiro', poetas do Neorealismo. Este ano... eu bem queria, mas estou em crer que não consigo. Tinha de me fechar a trabalhar e focar-me totalmente nesse trabalho. Mas tenho a minha mãe com 98 anos, tenho de lhe dar atenção, é mais difícil. Neste caso as prioridades pesam muito..., não sei o futuro a Deus pertence!

Falar com a Luísa Amaro torna inevitável falar de Carlos Paredes. Este ano faz 20 anos da morte do Carlos Paredes, no próximo ano comemora-se o centenário do seu nascimento. Pode falar-nos um pouco de que forma vai ser assinalado o centenário de nascimento de Carlos Paredes e de quem está a organizar essa comemoração?

Para o ano será o centenário do nascimento do Carlos Paredes. Iremos celebrá-lo de forma digna e tranquila, tal como era a sua forma de estar na vida. Não posso adiantar muito pois começámos a contactar as pessoas há pouco tempo e ainda há um longo caminho a percorrer. Quem está a tratar é o meu editor Luís Nazaré Gomes e terá o apoio da Aula Magna. O convite será endereçado a amigos que partilharam o palco com Carlos Paredes (Mário Laginha como exemplo maior) e a jovens músicos que, sem o terem conhecido, têm a sua música como inspiração. A música de Carlos Paredes tem esse dom, o de permanecer viva na arte dos mais novos que, dessa forma, o perpetuam. Por essa razão o Carlos Paredes, a sua música, as suas composições são intemporais e universais, fazem parte do nosso património cultural como identidade deste povo. Será uma escolha baseada na verdade, no afeto e na simplicidade, tal como ele era: 'Um homem e uma guitarra'.

Tendo convivido com Carlos Paredes e tendo sido sua acompanhante enquanto instrumentista de guitarra clássica durante mais de 10 anos, sente que isso influencia a forma como toca e compõe para a guitarra portuguesa? Isto é, considera-se discípula de Carlos Paredes?

Ter estado com o Carlos Paredes tantos anos, ter partilhado com ele centenas de espectáculos e tê-lo feito ainda tão novinha, claro que me influenciou em tudo: a forma de estar em palco, a atitude perante o público, a humildade e a honestidade no que se faz e, claro, a música que se toca, a estética musical que se quer para construir o nosso pensamento musical. Em tudo o Carlos Paredes foi fundamental em mim. Claro que não tenho a sua genialidade, mas os seus pilares foram fundamentais para seguir em frente. O grande problema para mim, porque ele existe e condiciona-me, é ter a noção exacta do que é ser perfeito! Tive o privilégio de estar ao lado de um ser muito muito especial, onde a perfeição era exacta e absoluta e esse facto limita-me porque sei que há um patamar onde nunca chegarei. Por outro lado, o saber da sua existência obriga-me a trabalhar para um nível que eu sei que existe mas que nunca alcançarei. É bom, sabe? Obriga-me a aceitar-me como sou mas sempre a acreditar que posso ser melhor... e não é esse o maior propósito da nossa vida? Discípula de Carlos Paredes? Sim, sempre!

Muito obrigado Luísa Amaro, é uma honra para a revista 'Fadista' conceder-nos esta entrevista e, através dela, conhecer melhor a primeira mulher instrumentista profissional de guitarra portuguesa. **Bem-haja!**
Aos leitores: podem acompanhar o trabalho de Luisa Amaro em: music.youtube.com/search?q=Luisa+Amaro"

pela nota do entrevistador, **João Oliveira**
Adm. Hospitalar, músico, instrumentista de viola de acompanhamento de fado, membro do grupo de fados Toada Coimbrã

PUB

EFM
COZINHAS & CARPINTARIA

www.efm.com.pt

EDUARDO FERNANDES MARTINS & FILHOS, LDA

- Cozinhas
- Escadarias
- Móveis WC
- Janelas
- Portas
- Portadas
- Pavimentos
- Pérgolas
- Revestimentos
- Roupeiros

geral@efm.com.pt
+351 272 320 445

Zona Industrial, Rua G, Lote P8,
Apartado 1006 | 6000-997 CASTELO BRANCO

QUI 8 de Agosto

21H30
CONCERTO ALDINA DUARTE

23H30
Noite de Fado | Associação Fado Cale, Casa Vermelha, Rua da Cale nº 33

BLOCO I – ALDINA DUARTE/MANUEL MOZOS/ JORGE SILVA MELO
SEX 9 de Agosto

15H00
ALDINA DUARTE: PRINCESA PROMETIDA - Manuel Mozos | 2009 | Portugal | Digital | 60 min | Sala de projecção | English Subtitles

16H00
Encontro com Aldina Duarte, Manuel Mozos, Maria João Madeira e Marta Mateus (a confirmar) | Moderação de Leonel Barata

Carta-Branca a Aldina Duarte
17H30
A PALAVRA - Carl Dreyer | 1955 | Dinamarca | Digital | 126 min | Sala de projecção, com apresentação de Aldina Duarte

21H30
AINDA NÃO ACABÁMOS: COMO SE FOSSE UMA CARTA - Jorge Silva Melo | 2016 | Portugal | Digital | 78 min | Sala de projecção, com apresentação de Maria João Madeira e Eduardo Calheiros Figueiredo

BLOCO II – PEDRO COSTA / JEAN-LUC GODARD / PAULINO VIOTA
SAB 10 de Agosto

11H30
Apresentação do livro "**Pedro Costa – Os Quartos do Cineasta**", de Jacques Rancière, com as presenças de Luís Lima e Pedro Costa (a confirmar) | Moderação de Rodrigo Cruz
Livraria Livros Tintos, Av. Eugénio de Andrade, 80, loja 6.

15H00
AS FILHAS DO FOGO - Pedro Costa | 2023 | Portugal | Digital | 9 min | Sala de projecção

VIENNALE – TRAILER - Pedro Costa | 2023 | Portugal | Digital | 2 min | Sala de projecção

DRÔLES DE GUERRES: FILM ANNONCE DU FILM QUI N'EXISTERA JAMAIS - Jean-Luc Godard | 2023 | França e Suiça | Digital | 20 min | Sala de projecção

15H45
Encontro com Pedro Costa (a confirmar), Cristina Fernandes e Paulino Viota | Moderação de Rodrigo Cruz

17H00
CONTACTOS - Paulino Viota | 1970 | Espanha | Digital | 70 min | Sala de projecção | English Subtitles

18H30
Encontro com Paulino Viota, José Luis Torrelavega, Pablo García Canga e Enrique Bolado Moderação de Miguel Hortas Blanco

Carta-Branca a Paulino Viota
21H30
O ACOSSADO - Jean-Luc Godard | 1959 | França | Digital | 87 min | Sala de projecção, com apresentação de Paulino Viota

BLOCO III – MARTA RAMOS e JOSÉ OLIVEIRA / ROBERT KRAMER e JOHN DOUGLAS
DOM 11 de Agosto

11H30
Apresentação do livro "**La Familia del Cine**", de Paulino Viota, com as presenças de Paulino Viota, Pablo García Canga e Enrique Bolado Moderação de José Luis Torrelavega na Livraria Livros Tintos, Av. Eugénio de Andrade, 80, loja 6.

ESPECIAL ANTE-ESTREIA:
15H00
GÉNESIS (Cópia de Montagem/Work in Progress) - Marta Ramos e José Oliveira | 2024 | Portugal | Digital | 132 min | Sala de projecção

17H30
Encontro com Marta Ramos, José Oliveira, Marta Carvalho, Ariana Vieira, Felipe Zenícola e Emma Cowan (a confirmar) | Moderação de Giovanni Comodo

Carta-Branca a Marta Ramos e José Oliveira
21H30
MILESTONES - Robert Kramer e John Douglas | 1975 | EUA | Digital | 205 min | Legendado em Espanhol, no Parque Verde: Esplanada Sítio do Vale, com apresentação de José Oliveira e Marta Ramos

BLOCO IV – PAULO CARNEIRO / MIGUEL ILDEFONSO / DANIEL DEL NEGRO
SEG 12 de Agosto

15H00
ENGINE - Miguel Ildefonso | 2010 | Portugal | Digital | 6 min| Sala de projecção

VIA NORTE - Paulo Carneiro | 2022 | Portugal e Suiça | Digital | 72 min | Sala de projecção

16H30 Encontro com Paulo Carneiro, Miguel Valverde e Rui Pelejão | Moderação de Jorge Souto

21H30
ATLÂNTIDA - DO OUTRO LADO DO ESPELHO - Daniel Del Negro | 1986 | Portugal | Digital | 110 min | Sala de projecção | English Subtitles
Com apresentação de Manuel Mozos, Luís Lucas e Daniel Del Negro (a confirmar)

24H00
Set Musical "Génesis", por João Clemente e convidados: Lançamento da banda sonora original do filme "Génesis" de Marta Ramos e José Oliveira | Livraria Livros Tintos, Av. Eugénio de Andrade, 80, loja 6.

Exposição na Livraria Livros Tintos, de 8 a 12 de Agosto
"Resistência", de Francisco Rocha, Ana Mariz e Sabrina D. Marques. *Num mundo em guerra que assiste à ascensão do fascismo na Europa, um panorama conceptual em suporte fotográfico com o objectivo de resistir ao estrangulamento do presente, preservando ideais de Força, Paz, Civismo, Liberdade e respeito pelos Direitos Humanos e individuais.*

**Entrada gratuita para todas as sessões e actividades, com excepção do Concerto de Aldina Duarte: Geral: 6 € | Estudante, M/65 e Grupo + 4 pax: 4 € . Reservas: bilheteira@cm-fundao.pt ou 275773032 (rede fixa)*

18,19,20 OUT

AMÁLIA festival Fundão 2024 RODRIGUES

out 18, 19, 20

Camané

Teresinha Landeiro

Flávia Pereira

Nani Medeiros
Fado & Choro

Custódio Castelo

Ana Paula

Tiago T. Da Silva
Amália & Poesia no fado

ESART

Novos Talentos

FACALE DO

Fadistas locais
Restaurantes do Fundão

Óscar Cardoso
Luthier

José Quaresma
Missa fadista

J.B. De Castilho
Amália "Origem, Raízes e História"

AMÁLIA RODRIGUES 10º concurso de fado

Inscrições abertas
+informações em www.fadocale.pt

Masterclass de fotografia em concertos & espetáculo
com Rodrigo Simas

CÂMARA MUNICIPAL · fundão 365 dias à descoberta · FACALE DO · JORNAL DO FUNDÃO · PALCO SI produção & agenciamento · Amália

PUB

Há valores que nos ligam sempre

Solidariedade, igualdade, liberdade e democracia. Há 183 anos que o Montepio Associação Mutualista constrói relações de confiança com os seus associados, suportadas nestes valores, ligando pessoas e famílias e contribuindo para uma sociedade mais justa e mais solidária.
Juntos, criamos um futuro melhor para todos.

Montepio
Associação Mutualista

Montepio Geral Associação Mutualista . IPSS. DGSS n.º 3/81 . NIPC 500 766 681
Sede: Rua Áurea 219 a 241 . 1100-062 Lisboa